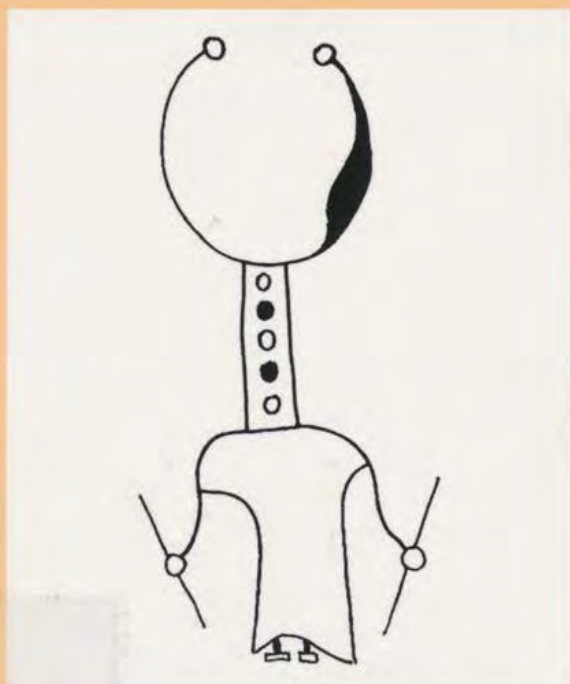


JAIME SALAZAR SAMPAIO TEATRO COMPLETO

Introdução e organização de SEBASTIANA FADDA

IV



Título: Teatro Completo
Vol. IV

Autor: Jaime Salazar Sampaio

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: Departamento Editorial da INCM

Revisão do texto: Paula Lobo

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Maio de 2005

ISBN: 972-27-1403-1

Depósito legal: 115 329/97



JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO COMPLETO

Introdução e organização de SEBASTIANA FADDA

IV

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA

2005

LIÇÃO DE AMOR NUM AEROPORTO

Quem se lembra mais do tempo, do passado, de uma primeira viagem, de um primeiro amor, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro?

— Sim, quem se lembra do tempo, de uma primeira viagem, de um primeiro amor, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro?

Quem se lembra, pois, de um primeiro amor, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro?

— Sim, quem se lembra do tempo, de uma primeira viagem, de um primeiro amor, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro?

Quem se lembra, pois, de um primeiro amor, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro?

— Sim, quem se lembra do tempo, de uma primeira viagem, de um primeiro amor, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro?

Quem se lembra, pois, de um primeiro amor, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro?

— Sim, quem se lembra do tempo, de uma primeira viagem, de um primeiro amor, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro?

Quem se lembra, pois, de um primeiro amor, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro?

— Sim, quem se lembra do tempo, de uma primeira viagem, de um primeiro amor, de um primeiro encontro, de um primeiro encontro?

Quando Jaime Salazar Sampaio me sugeriu que escrevesse um texto sobre *Lição de Amor num Aeroporto*, respondi-lhe: essa peça tem algo a ver com um *Koan* Zen e com o espírito de um *Haiku* japonês.

Se é certo que se trata de uma peça extremamente curta, não é menos certo que seria preciso escrever um livro para a comentar.

Com efeito, JSS põe em causa as relações humanas e obriga-nos a tomar consciência de um certo «estilhaçar do tempo» que pode surgir a qualquer momento.

E tal consciência pode levar-nos a uma «liberdade interior», se aceitarmos a nossa condição humana com as inerentes limitações. O que equivale a dizer que não devemos considerar cada coisa de per si, isoladamente, mas sim encará-la nas suas relações com todas as outras

JSS mostra-nos nesta «lição» um «estilhaçar do tempo» que não é linear, isto é: não implica o desfilar contínuo do passado, do presente e do futuro.

De há muito que o Oriente compreendeu e admitiu a noção de um Universo em Expansão e em Contração, muito antes de Galileu e Copérnico. Que pagaram, como se sabe, um elevado preço pelas suas teorias demasiado avançadas para a época, uma vez que só num passado recente a noção foi adoptada pelo conjunto dos cientistas ocidentais.

O tempo para a Cosmologia Indiana é representado por uma personagem central (Brahman, o imutável), o qual, a intervalos regulares, retira do seu Ser, sem começo nem fim, toda a substância do Universo Vivo.

E é então que acontece o longo «sono» de Brahman, seguido por um despertar que dá origem a um outro Universo ou um outro «sonho».

Esta noção do sono e da vigília, ou seja, a contração e a expansão da Força Vital, é identificável em todos os domínios da Vida...

Depois de um longo olhar sobre um assunto tão vasto como o tempo, JSS convida-nos a reflectir sobre um outro tema: na vida nada é permanente, sendo a nossa existência um fluxo e um refluxo incessante de Energia, tanto no domínio

das relações amorosas como no da dinâmica do Cosmos; crescendo e decrescendo sucessivamente, aparecendo e desaparecendo...

Esta ilusão que nós temos da Realidade, embora não seja a Realidade propriamente, faz parte dela. Só um poeta ou aqueles que cultivam a espiritualidade poderão talvez dar um sentido a esta ilusão, pois ela está escondida no mais profundo de nós, ou, pelo menos, mantém-se indizível. É o que eu chamo o «conflito dos contrários».

Quanto mais o homem procura a verdade fora de si próprio, mais se contradiz. Apenas aqueles que olham para dentro do seu próprio ser são capazes de vencer as suas paixões e fazer calar os seus pensamentos, pois é pelo silêncio desse mesmo pensamento que podemos atingir a serenidade.

Tranquilizar a inteligência é alimentar o espírito, aproximando-nos da Natureza.

GEORGE STOBBAERTS